

# AS FORÇAS ARMADAS DA REPÚBLICA FEDERAL ALEMÃ

(BUNDESWEHR)

Ten-Cel Art OSNY VASCONCELLOS  
Oficial de Estado-Maior

## 1 — SÍNTESE HISTÓRICA .

Em janeiro de 1871, durante o cerco de Paris pelas tropas prussianas e seus aliados alemães, foi proclamado, na Sala dos Espelhos do Palácio de Versailhes, o Império Alemão. A guerra Franco-Prussiana proporcionou a Bismarck, chanceler do Reino da Prussia, a cartada decisiva para conseguir a unificação da Alemanha sob a hegemonia da Prussia, cujo Rei, Guilherme I, foi proclamado Imperador da Alemanha. Os demais soberanos alemães entretanto continuaram em suas funções mantendo ampla autonomia com exceção dos assuntos de política externa. O exército alemão, também ficou paralelamente, organizado em, exército prussiano, exército bávaro, saxão, wurtemberguês, etc., sob o comando de seus respectivos soberanos. A coesão destes elementos era entretanto assegurada pelo Grande Estado-Maior, resultado da ampliação do antigo Estado-Maior prussiano de SCHARNHORST e aperfeiçoado por GNEISENAU, CLAUSEWITZ, von BOYLEN, ROON e principalmente MOLTKE. Obviamente, nesse Grande Estado-Maior, havia representantes dos demais exércitos dos diferentes reinos, principados e grand-ducados que formavam o Império Alemão (DEUTSCHES REICH). Esta máquina militar foi empenhada na 1ª guerra mundial e perdurou até novembro de 1918 quando da derrota da Alemanha e seus aliados de então.

É entretanto oportuno lembrar que Guilherme II, que sucedeu a seu avô Guilherme I após curto reinado de seu pai Frderico III prematuramente falecido, lançou-se a construção de uma poderosa marinha. Esta armada previa o apoio à política colonialista e também à conquista dos mercados consumidores ultramarinos pela florescente indústria alemã em franca concorrência à inglesa e francesa então dominantes no cenário mundial. Era evidente também que, possuindo a Alemanha o mais poderoso exército do mundo na época, quisesse também emparelhar-se à Inglaterra no campo naval. Assim a insignificante armada prussiana foi se ampliando surgindo rapidamente uma poderosa marinha alemã que, em 1914, chegava a ombrear-se com a Marinha in-



glêsa, a tradicionalmente mais poderosa do mundo. A organização militar alemã de então compreendia um exército e uma marinha independentes e subordinados diretamente ao Kaiser (imperador). A incipiente Aviação da época pertencia respectivamente ao Exército e à Marinha estando seu emprêgo previsto em estreita cooperação com as duas armas.

Com a derrota de 1918 os alemães destronaram o imperador e todos os Reis e príncipes e adotaram a forma republicana unificada instituindo a chamada República de WEIMAR, assim chamada porque nesta cidade se reuniu o congresso que elaborou a constituição republicana. Estranhamente esta república conservou para a nação o nome Império Alemão (DEUTSCHES REICH) passando em consequência a identificar-se por 2º REICH para diferenciar-se da forma anterior.

Sob a república de Weimar as forças armadas alemãs, restringidas pelo Tratado de Versailhes a possuírem — o exército — apenas um efetivo de 100.000 homens estando proscritos blindados e aviação e — a marinha — navios de pequeno porte (não superiores a 10.000 toneladas), foram unificadas sob a denominação de REICHSWEHR. Esta denominação significa literalmente REICH — Império e WEHR significando força armada, donde REICHS WEHR significa: Forças Armadas do Império.

Com a subida do partido nazista ao poder em janeiro de 1933 e consequente modificação da constituição republicana, a nação alemã passou a denominar-se 3º REICH, para diferenciá-la das anteriores e que, segundo Hitler, deveria durar mil anos.

Tendo denunciado o Tratado de Versailhes, Hitler lançou-se febrilmente ao rearmamento.

Além de ampliar o exército, dotando-o abundantemente de blindados (panzer) estes, grupados pela primeira vez em divisões, organizou também uma moderna força aérea (LUFTWAFFE = arma aérea). A marinha também foi ampliada iniciando-se a construção de navios de grande porte (encouraçados) e principalmente submarinos, antes também proibidos. Para unificar as forças armadas de acôrdo com o feitiço de seu governo a naturalmente tê-las “na mão”, criou a WEHRMACHT, que literalmente significa: MACHT — poder e WEHR — força armada. Embora não tenha um exato sentido em português a expressão WEHRMACHT pode ser traduzida por “poder armado”. Foi com este instrumento que Hitler lançou-se sobre a Polônia em setembro de 1939 dando início à 2ª guerra mundial que resultou na derrota total de 1945, fazendo com que o 3º REICH de duração prevista para 1000 anos tivesse a efêmera vida de 12 anos.

É interessante mostrar como a política influiu sobre a WEHRMACHT e sua organização, pelas anedotas satíricas que surgiram na época, uma das quais dizia que a WEHRMACHT era composta de: um exército prussiano, uma marinha imperial e uma aeronáutica nacional-socialista. Esta apreciação referia-se logicamente a origem das 3 Forças. O Exército com base no prussianismo, a marinha criada inicialmente pelo Kaiser



e a LUFTWAFFE organizada já no nazismo e pelo famoso ex-piloto de caça da 1ª guerra — HERRMANN GOERING e agora um dos chefes do partido no poder. É significativo também o fato de que a artilharia antiaérea da WERHMACHT era da alçada da LUFTWAFFE o que revela a intenção de torná-la em condições de prescindir do exército em caso de conflito interno. Ela também organizou divisões blindadas e de infantaria que foram engajadas no final da 2ª guerra paralelamente às do exército e sob o protesto dêste que as queria como recomplementamento de suas já esgotadas grandes unidades.

Em 1945 os vencedores decidiram proscrever definitivamente o militarismo alemão. Na reunião de YALTA ficou decidido pelos então “três grandes” que, não deveria no mundo futuro, subsistir nenhuma organização militar alemã independente da forma política que tomaria o que restasse da Alemanha. O próprio “Grande estado-maior” foi indiciado como réu no julgamento que depois se realizou em NÜRENBERG. Entretanto os acontecimentos posteriores certamente imprevistos modificaram o curso da história.

Politicamente, decidiram os aliados, após um período de ocupação, durante a qual o povo alemão seria reeducado e redemocratizado, a reconstruir a Alemanha como nação. Entretanto a divisão entre os vencedores cedo levou-os a divergências mais tarde transformadas na famigerada guerra fria. Nas chamadas zonas de ocupação estabelecidas pelos aliados verificou-se logo a impossibilidade de prescindir da colaboração do elemento civil na administração.

Assim as autoridades militares ocupantes começaram a chamar civis alemães para cooperarem na administração. Naturalmente êstes eram selecionados entre as pessoas de confiança das forças ocupantes. Foram os ingleses em Hanover que instalaram a primeira administração civil. Parece não ser estranho a êsse fato a ligação da família real inglesa com esta cidade da Baixa-Saxonia de onde descende um dos seus mais importantes ramos.

Os americanos na Baviera também instalaram uma administração civil alemã, o mesmo fazendo os franceses no Alto-Reno.

Os russos, por sua vez, vinham organizando a “zona” para o comunismo, para isso trazendo consigo inúmeros antigos comunistas alemães que, escapados do nazismo desde 1933 eram acolhidos e treinados na Rússia visando a “volta”. Os atuais dirigentes de PANKOW (subúrbio de Berlim Oriental sede do governo comunista) como WALTER ULBRICHT, WILHELM PIECK, o general HOFFMANN, o inspetor-geral (comandante) do Exército Nacional do Povo (NATIONAL VOLKSARMEE) são oriundos dêste grupo. Além disto os russos vinham realizando intenso trabalho junto aos prisioneiros de guerra alemães conseguindo mesmo grande êxito com os remanescentes do 6º Exército de Stalingrado, entre os quais surgiu a organização “Soldados alemães livres” cujo primeiro chefe foi o General SEIDLITZ, comandante de Corpo do antigo 6º Ex. Posteriormente, depois que teve conhecimento do atentado, na Alemanha,



de 20 de julho de 1944 contra Hitler, assumiu a direção o próprio Marechal PAULUS ex-combatente daquele infeliz exército.

Por intermédio dessa organização e assessorada pelos comunistas alemães refugiados na Rússia realizou-se intenso trabalho junto aos prisioneiros de guerra mas que não obteve resultados apreciáveis pois a maioria preferiu, mais tarde, ser repatriada para a Alemanha ocidental, mesmo sendo originária da "Zona de ocupação Soviética".

Mas, os russos organizaram a sua administração civil e foram os primeiros a organizar uma força militar alemã sob a forma de "Polícia do Povo" (VOLKS POLIZEI). Em consequência as autoridades militares ocidentais permitiram que seus governos civis regionais se federalizassem, surgindo assim a República Federal Alemã em contraposição à República Democrática Alemã na zona russa.

Como nesta época já eram notórias as divergências entre os aliados ocidentais e orientais a divisão entre as duas Alemanhas foi se acentuando cada vez mais.

Em 1948 instalou-se oficialmente a República Federal Alemã (BUNDES REPUBLIK DEUTSCHLAND). Sua constituição proscovia e existência de forças armadas, embora paradoxalmente reconhecesse o direito de defender-se contra agressão externa. Entretanto os demais países democráticos da Europa bem como os EUA estavam nesta época já empenhados na criação de um órgão comum de defesa contra o comunismo.

A guerra da Coreia em 1951 veio acelerar a remilitarização alemã. É desta época também o pronunciamento de W. CHURCHILL de que "na defesa do ocidente deveriam participar os alemães". Partiria portanto do mais tradicional e encarniçado inimigo dos alemães a primeira e insuspeita sugestão de rearmá-los. Logo a seguir manifestou-se de forma idêntica o General BILLOTE, comandante das forças francesas na Alemanha que disse "não ser possível a defesa da faixa entre os rios ELBA e RENO sem a cooperação efetiva dos alemães". Era natural que essa idéia provocasse fortes reações nos países europeus, vítimas do nazismo, tendo o parlamento francês reagido violentamente. Mas a maior reação partiu da própria Alemanha cujo povo, unânime, condenava qualquer idéia de remilitarizar a Alemanha. A mentalidade do povo e governo da República Federal Alemã era a de que a defesa do ocidente era imprescindível mas a idéia que predominava entre eles era "sem nós".

Entretanto, com a correr do tempo e o açoitamento cada vez maior da "guerra fria" agravada principalmente com a constante "crise de Berlim" foram amaciando as resistências. A OTAN (NATO-NORTH ATLANTIC TRATED ORGANISATION) englobava desde 1949 a todos os países europeus ocidentais, com exceção da SUÉCIA, SUÍCIA, AUSTRIA e ESPANHA, esta última rejeitada por seus antecedentes políticos.

Havia agora unanimidade na idéia de que a Alemanha Ocidental se integrasse na OTAN. A grande reação entretanto partiu do próprio par-



lamento alemão particularmente na oposição "Social-democrata (SPD)" ao chanceler ADENAUER eleito pela maioria Democrata-cristão (CDU-CSU) e apoiada pela FDP (Partido alemão livre).

O próprio povo alemão era infenso à criação de um exército, mas o trabalho do "velho" ADENAUER finalmente foi coroado de êxito pois dizia êle "não é possível uma nação afirmar sua soberania sem a existência de fôrças armadas". Assim em 1956 organizou-se o 1º núcleo das novas fôrças armadas que tomou de acôrdo com as tradições alemães o nome de BUNDES WEHR que literalmente significa Fôrças Armadas Federais, de BUND — Federação formando o adjetivo BUNDES — Federal e WEHR — Fôrças Armadas.

Não foi entretanto fácil vencer a ojeriza que a tragédia da última guerra produziu no povo alemão a tudo que lembrasse uniforme. A título de curiosidade transcrevemos abaixo o resultado da pesquisa feita por um órgão de consulta à opinião pública que formulando a pergunta: "É favorável ou não à extinção da BUNDES WEHR", recebeu em anos sucessivos as seguintes respostas afirmativas, em percentagens:

1956, 43%; 1958, 33%; 1960, 31%; 1961, 24%.

É interessante notar que o decréscimo das respostas afirmativas é paralelo ao recrudescimento do antagonismo Leste-oeste, mas é consequência também, e principalmente, da organização democrática da BUNDESWEHR e de seu comportamento ante o povo alemão.

Convém também assinalar que, enquanto as demais nações signatárias do Tratado do Atlântico Norte, tem parte de suas Fôrças Armadas a disposição da Organização, a BUNDESWEHR, por origem, é inteiramente da OTAN, não tendo portanto caráter de Fôrças Armadas nacionais como os demais países.

É interessante notar que o decréscimo das respostas afirmativas é pafeitamente integrada na nação alemã cujo povo já a aceita e orgulha-se mesmo dela. Entre os fatores determinantes desta mudança de posição está sem dúvida a sua estrutura democrática em que são evitadas demonstrações de militarismos como desfiles nas ruas e outras ostensivas participações na vida pública. Mas o que é principal, o povo alemão ocidental vivendo hoje em dia num nível de vida de alto padrão econômico, sofre e se traumatiza com a situação de seus compatriotas no "outro lado", isto é, dos 17 milhões sob o jugo comunista cerceados em sua liberdade pelo famoso "muro de Berlim" prolongado nas regiões rurais por cercas de arame farpado com os intervalos minados, etc. As diárias tentativas de fuga emocionam a população causando explosões de alegria quando conseguem êxito e visual consternação e mesmo traumatismo quando a tragédia assinala o fracasso.

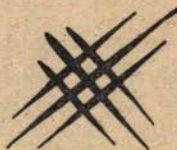
Finalmente o outro grande problema atual do alemão é a reunificação. Segundo o conceito do alemão ocidental a Alemanha está dividida em três partes, sendo a 3ª parte, no caso, as províncias anexadas à Rússia (metade da Prússia Oriental inclusive a antiga capital KOENIGS-



BERG, hoje KALININGRAD) e o restante à Polônia que teve ainda sua soberania estendida às províncias de POMERANIA e SILESIA. É a chamada fronteira ODER-NIESSE cedida à Polônia como compensação territorial pela adoção da linha CURSON como fronteira russo-polonesa. Todos esses fatos contribuíram para a ceitação da BUNDESWEHR pelos alemães, a qual, como integrante da OTAN é vista como um baluarte contra a expansão do comunismo na Europa.

Finalmente cabe-nos a tarefa de dar uma explicação ao fenômeno chamado "militarismo germânico". Ele é antes de mais nada consequência de um "determinismo geográfico".

A disposição geográfica dos países europeus o explica nitidamente. De todos os "grandes" povos europeus o único que, além de localizado no centro da Europa, não possui "fronteiras" naturais é o alemão. Enquanto espanhóis, italianos e escandinavos habitam penínsulas; a Inglaterra uma ilha; a França com 3 costas marítimas e mais os Pirineos a defendê-la; a Rússia com o mar Ártico ao Norte e os mares Negro e Cáspio ao Sul, e a Leste a imensidão siberiana, a Alemanha, em posição central e sem nenhum obstáculo a separá-la de seus vizinhos, percorreu um caminho histórico sob "pressão". Romanos do Sul, WIKINGS do Norte, franceses do Oeste e Eslavos do Leste tornaram-se seus constantes adversários até quase nossos dias. É portanto explicável a evolução "guerreira" da nação alemã, redundando no militarismo germânico de tão triste memória.



A DEFESA NACIONAL é a sua Revista de estudos e debates profissionais. É a sua tribuna. MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES!